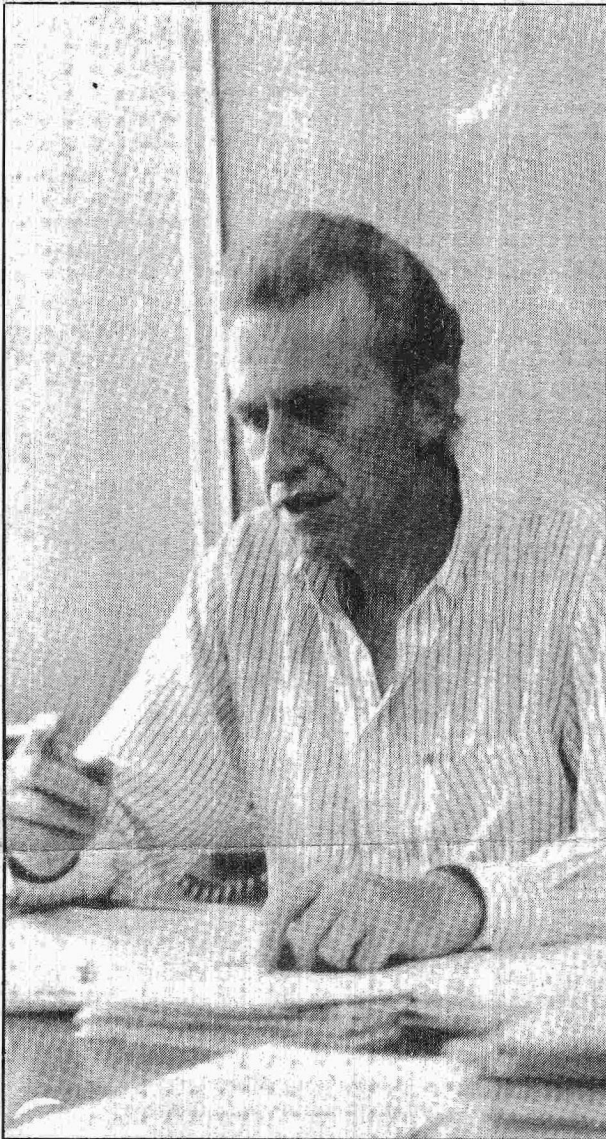


Campanatti acredita que cinemas atraem clientes



Eing: construtoras dependentes do Governo

## ParkShopping reage melhor que o CNB

Os dois maiores centros comerciais do DF — Conjunto Nacional e ParkShopping — reagem à crise econômica de formas bem distintas. Enquanto o primeiro registra uma queda nas vendas da ordem de 25 por cento, um índice bastante preocupante já que só foi detectado anteriormente no auge da recessão de 1981, o segundo anuncia um crescimento real de quatro por cento no mês de junho, se comparado ao mesmo período do ano passado.

De acordo com o superintendente do ParkShopping, Joel Campanatti, esse centro comercial representa um caso à parte do DF: "Para se ter uma idéia, inauguramos em maio nossa terceira expansão. Estamos numa condição especial de crescimento. No varejo como um todo, é possível que tenha havido alguma queda de vendas". Ele afirma que o shopping não pode ser parâmetro para o resto do comércio.

Só os cinemas do ParkShopping recebem por dia cerca de seis mil expectadores, um número, sem dúvida alguma, surpreendente para uma cidade que atravessa talvez a maior crise econômica de sua história. Campanatti diz que esse período do ano, entre junho e julho, representa uma fase de entressafra nas vendas, já que o pessoal costuma viajar de férias.

Embora a crise, na opinião de Campanatti, passe longe do ParkShopping, o centro comercial entra no próximo dia 1º com sua tradicional liquidação Lápis Vermelho. Esse processo de promoções também está sendo estudado para o Conjunto Nacional, mas algumas lojas já se adiantaram, promovendo as primeiras liquidações no shopping.

O administrador do Conjunto Nacional, José Raimundo Pires, não está muito otimista quanto ao fim dessa fase recessiva:

"Acredito que a crise no comércio só comece a ir embora a partir de outubro, época em que a população dá início às suas compras de Natal". Talvez por estar instalado há mais tempo na cidade e ter vivido a recessão de 1981, o Conjunto Nacional esteja tão apreensivo em relação à queda de suas vendas.

Pires afirma que essa crise na cidade apresentou seus primeiros

efeitos em maio, quando o volume de vendas teve seu crescimento interrompido. Já em junho, elas despencaram 20 por cento, sendo que a previsão para julho continua pessimista. A recessão no DF tem, na sua opinião, como fator principal, a insegurança do servidor público que, ameaçado de ser demitido ou colocado em disponibilidade está comprando só o essencial.

### Os sinais da crise

- A previsão do Sine é a de que existam 100 mil trabalhadores desempregados hoje no DF.
- Os supermercados registram uma queda nas vendas de 20 a 25 por cento.
- No comércio, o volume de vendas também caiu em 25 por cento.
- A arrecadação de ICMS, que representa o maior bolo fiscal do GDF, parou de crescer em maio.
- A Junta Comercial indica que 122 empresas locais encerraram suas atividades entre maio e julho.
- Até mesmo o consumo de energia elétrica na cidade caiu em 2,8 por cento, mas a CEB não admite que essa redução esteja relacionada com a crise econômica da cidade.
- As consultas ao Departamento de Proteção ao Crédito diminuíram em 7,02 por cento em relação ao mesmo período no ano passado.